

OLHANDO PARA AS TRAJETÓRIAS DE REPARO EM UM RELATO DE PROCEDIMENTO REALIZADO POR UMA PESSOA COM AFASIA DURANTE UMA CONVERSA FACE A FACE¹

Lívia Miranda de Oliveira²

RESUMO: *Este estudo tem como objeto de investigação as ocorrências de reparo em uma conversa que envolve pessoas com afasia. Buscando subsídios nos fundamentos teórico-metodológicos da Análise da Conversa de base Etnometodológica, busquei verificar se a organização da trajetória do reparo se apresentaria conforme as descrições de Sacks, Schegloff & Jefferson (1977) a respeito desse fenômeno e as descobertas de Garcez e Loder (2005). As análises revelaram algumas ocorrências não previstas. Todavia, considero que tais ocorrências estão relacionadas às peculiaridades de conversas que envolvem pessoas com afasia.*

PALAVRAS-CHAVE: *Conversa face a face - Reparo conversacional - Afasia*

ABSTRACT: *This paper analyses the conversational repairs in a conversation between persons with and without aphasia based on the foundations of the Conversation Analysis, investigating whether the repair trajectory organization occur like described by Sacks, Schegloff & Jefferson (1977) e Garcez e Loder (2005). The analysis have displayed some not expected occurrences, however, i consider these occurrences consists in peculiarities of conversations where persons with aphasia participate.*

KEY WORDS: *Face to face conversation - Conversational repair - Aphasia*

INTRODUÇÃO

As conversas são organizadas respeitando uma ordem necessária para torná-las inteligíveis. Tal ordem pode ser observada na sistematicidade dos modelos de organização da fala que trata, por exemplo, da organização sequencial, da preferência e da tomada de turnos em uma conversa. Essas são noções que serão apresentadas a

¹ Este estudo foi desenvolvido ao longo do primeiro semestre de 2009 e consiste em um trabalho de conclusão da disciplina Linguagem e Interação, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação Letras da PUC-Rio, área Estudos da Linguagem. Agradeço à professora Liliana Cabral Bastos pela leitura crítica.

² Doutoranda em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

seguir, a fim de fornecer uma base a partir da qual as conversas deste estudo serão analisadas em direção à busca das ocorrências de reparo.

A organização sequencial é uma fonte fundamental de coerência no entendimento das ações humanas. A organização das ações na conversa ocorre por meio de *pares adjacentes*. Estes, em sua forma mínima, não expandida: 1) são compostos de dois turnos; 2) são executados por diferentes falantes; 3) posicionam-se adjacente, ou seja, em turnos adjacentes (um depois do outro); 4) podem ser diferenciados em primeira parte do par (PPP) e segunda parte do par (SPP); 5) os pares são de tipo específico, ou seja, não é qualquer SPP que pode seguir uma PPP (GAGO, 2005, p. 64). A PPP sinaliza o que é relevante que aconteça na SPP. Constituem exemplos de pares adjacentes às seguintes ações que ocorrem em pares: o cumprimento e o retorno do cumprimento, a pergunta e a resposta, o convite e a aceitação/recusa, entre outros.

Um falante, ao construir seu enunciado, leva em consideração o que o outro disse previamente, o que corrobora o caráter sequencial das conversas. O estudo da sequencialidade nas conversas chamou a atenção de Sacks para um outro fenômeno: a noção de preferência. Segundo o autor, as primeiras e segundas partes do par são "conectadas por tipo", ou seja, as SPP são selecionadas a partir de alternativas adequadas ao tipo da PPP. Assim sendo, o que o falante do segundo turno irá produzir como SPP irá depender do que o falante do primeiro turno produziu como PPP. Diante disso, de acordo com Sacks (1973, p. 56), "para a maioria dos tipos de pares adjacentes existem alternativas nas posições da segunda parte do par". Schegloff (1995, p. 55) complementa a assunção de Sacks, destacando que "os tipos alternativos de segunda parte do par que uma primeira parte do par torna relevante não são equivalentes ... não são 'alternativas simétricas'". Ainda de acordo com o autor, "a resposta à primeira parte do par que incorpora ou favorece a realização da ação é a segunda parte do par favorável – ou, como podemos chamar, a preferida" (SCHEGLOFF, 1995, p. 55).

Assim como a organização da preferência, a organização da tomada de turnos é fundamental para a conversa e para outros sistemas de trocas de fala. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) propuseram que o sistema de tomada de turnos para a conversa poderia ser descrito em termos de dois componentes (o componente de construção de turno e o componente de alocação de turno) e um conjunto de regras. Em relação ao componente de construção de turno, devemos considerar que o tipo de unidade com a qual um falante pode produzir seu turno de fala varia, podendo constituir uma sentença, uma cláusula, um sintagma ou uma palavra. Essas unidades apresentam um caráter de projetabilidade que as permite projetar um ponto de finalização, ou seja, um ponto no qual essas unidades, cada qual com seu respectivo ponto de finalização, seriam completadas, e um lugar relevante para transição (LRT) seria alcançado. Nesse ponto, seria possível realizar a troca de falantes. Tais trocas, conforme sucintamente apresentado por Psathas (1995), são sistematicamente organizadas através de duas técnicas de alocação de turnos – a) falante corrente seleciona o próximo falante; e b) falante corrente se auto-seleciona para iniciar um próximo turno – e das seguintes regras:

- a) se a alocação de turno foi realizada conforme a técnica (a), está garantido à pessoa selecionada o direito de começar a falar no próximo turno;
- b) se a alocação de turno foi realizada da forma que não envolvesse a técnica (a), quem se auto-seleciona primeiro ganha o direito ao turno;
- c) se a alocação de turno foi realizada conforme a técnica (b), está garantido ao falante corrente o direito de continuar a falar.

Este sistema é recursivo, portanto, se no ponto em que a unidade de turno inicial alcançou seu lugar relevante para transição nenhuma dessas regras (a ou b) foram operadas e se, de acordo com a regra c, o falante corrente continuou a falar, as regras a-c se reaplicariam no próximo lugar relevante para transição. Essas regras foram ordenadas tal como as próprias técnicas de alocação de turno, isto é, o falante corrente seleciona o próximo tem prioridade sobre a auto-seleção. Além disso, o primeiro a começar a falar tem direitos, fornecidos pela regra 1b, que ordena as possibilidades a favor daquele que se auto-selecionou primeiro e reduz a possibilidade de muitas partes se auto-selecionarem, o que produziria muitos falantes falando simultaneamente.

O SISTEMA DE REPARO CONVERSACIONAL

Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, em seus estudos iniciais, ao analisarem conversas cotidianas com o intuito de investigar a sistemática da tomada de turnos, acabaram observando a ocorrência de um outro fenômeno – o reparo – que operava para lidar com problemas de entendimento, escuta e produção. Em 1974, os autores publicaram o resultado de seus estudos acerca da organização da tomada de turnos nas conversas e, em um estudo posterior, dedicaram-se a investigar a organização do reparo, sendo o texto intitulado “*The preference for self-correction in the organization of repair in conversation*”, um dos primeiros frutos de tais investigações, publicado em 1977. Dando continuidade aos estudos sobre preferência desenvolvidos, inicialmente, por Sacks (1973) e, voltando o foco para as características da organização do reparo, os autores abordaram a preferência por auto-reparo, trazendo ao conhecimento dos leitores algumas consequências dessa preferência para a interação conversacional. Os estudos mencionados trouxeram preciosas contribuições para pesquisas desenvolvidas no campo da Análise da Conversa Etnometodológica ao desvendarem que existe um sistema de preferência atuando na organização do reparo e que tal organização, por sua vez, apresenta uma relação estrita com a organização da tomada de turnos.

No texto de 1977, acima referido, Sacks, Schegloff e Jefferson nos apresentam os resultados de suas investigações sobre alguns aspectos da organização do reparo, de modo a tornar clara a distinção entre auto-correção e correção pelo outro, destacando, primeiramente, a diferença entre reparo e correção. De acordo com os autores, o termo correção se refere à substituição de algo "errado" por algo "correto", e o reparo, por outro lado, não se limita a essa substituição. Em algumas ocorrências de reparo, como

por exemplo, a procura por uma palavra (*word search*), que ocorre em ocasiões em que um item (e.g. uma palavra) não está disponível ao falante (ele não consegue encontrar a palavra) quando deveria estar, não temos uma simples "substituição" do "errado" pelo "correto", portanto, uma "correção"; no entanto, temos um reparo. Esse exemplo deixa claro que podemos encontrar reparos até mesmo onde não existem erros. Os autores se referem a "reparo" ao invés de "correção" de modo a capturar, segundo eles, domínios mais gerais de ocorrência e, ao mesmo tempo, reforçar a idéia de que reparo não é simplesmente uma correção. No reparo temos toda uma trajetória que vai de sua iniciação à sua finalização, podendo, esta última etapa, consistir em uma correção.

Em relação aos tipos de correção, temos: "correção exposta", que implica uma suspensão da atividade em curso para sua realização; e "correção encaixada", inserida na atividade em curso, não implicando, portanto, que tal atividade seja suspensa. Na "correção exposta" o turno que realiza a ação de corrigir se limita a realizar essa ação, sendo o enunciado desse turno designado exclusivamente a realizar a correção, que passa a ser a atividade interacional da troca (em curso), ao passo que na "correção encaixada" o turno que realiza a ação de corrigir não é ocupado apenas pela correção, sendo a ação de corrigir apenas parte do turno que também contém outras ações, que garantem a continuidade da conversa em curso (JEFFERSON, 1987). Podemos verificar um exemplo destes dois tipos de correções no trecho de conversa abaixo, em que a única ação do turno 04 se trata de uma correção exposta, ao passo que o turno 05 é composto tanto por um convite quanto por uma correção encaixada.

- 01 João: ganhei dois ingressos para a peça que vai estrear
 02 amanhã, vou ver quem está de folga hoje à noite pra
 03 ir comigo.
 04 Maria: amanhã à noite?
 05 João: é. você quer ir ao cinema, digo, teatro, comigo?
 06 Maria: quero sim.

Temos, então, que "correções encaixadas" ocorrem em continuidade com a conversa, ou melhor, mantém a contigüidade da atividade interacional em curso, e a "correção exposta", por outro lado, interrompe a contigüidade da conversa. Diante dessas considerações, podemos assumir que o reparo, uma vez que provoca suspensão da atividade em curso, envolve "correção exposta".

A complexidade do fenômeno de reparo começa a ser demonstrada quando Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 365) distinguem duas etapas em seu procedimento (no reparo): inicialização e finalização - essa distinção é motivada pelo fato de que o reparo é um fenômeno sequencial, envolvendo segmentos de reparo (*repair-'segments'*) no curso de segmentos de conversa (*talk segments*), que tem uma organização própria, incluindo, como partes segmentais, "inicialização" e "finalização". Tomando esses dois segmentos do reparo como ponto de partida para o entendimento da trajetória do reparo, prosseguimos voltando atenção, primeiramente, para a iniciação, e, posteriormente, para a finalização, a fim de recuperarmos a organização sistemática do reparo.

A INICIAÇÃO DO REPARO

O reparo pode ser iniciado pelo próprio falante da fonte de problema ou pelo outro interlocutor. Em relação à iniciação realizada pelo falante da fonte de problema, temos, de acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 360), as possíveis posições sequenciais para sua ocorrência: (1) no mesmo turno da fonte de problema; (2) no lugar relevante para a transição de turnos³; e (3) no terceiro turno (em relação à fonte de problema). Quanto à inicialização realizada pelo outro interlocutor, os autores nos apresentam uma posição principal para sua ocorrência: o turno exatamente subsequente ao turno da fonte de problema. Os reparos iniciados pelo falante da fonte de problema e os reparos iniciados pelo outro são realizados por técnicas iniciadoras (*initiator techniques*), como: auto-iniciação (perturbações não-lexicais, como por exemplo, suspensão abrupta da fala, prolongamento de sons, etc., que sinalizam a possibilidade de uma iniciação de reparo imediatamente a seguir); iniciações realizadas pelo outro interlocutor (*ã, hein, como, oi, quem, onde, quando*; repetição parcial do turno da fonte de problema seguida por um pronome interrogativo; repetição parcial do turno da fonte de problema; *você quer dizer* seguido de um possível entendimento do turno). Sacks, Schegloff e Jefferson (1977) destacam que existem, certamente, tipos adicionais de construção para outras iniciações e que, nem todas as perturbações lexicais necessariamente sinalizam ocorrência de iniciação de reparo, sendo importante observar a seqüência interacional para averiguar o que tais perturbações sinalizam em cada ocorrência.

Os cursos (trajetórias) - da iniciação para a resolução do reparo - diferem quanto i) à pessoa que inicia o reparo (o falante da fonte de problema ou o interlocutor), ii) à posição da iniciação e iii) as técnicas utilizadas. A sistematicidade da organização do reparo está refletida, entre outros, na descoberta de que as iniciações de reparo estão numa ordem sequencial de oportunidades de ocorrência, não ocorrendo aleatoriamente. A organização da iniciação está fundamentalmente localizada na ordenação das posições para oportunidade de iniciação de reparo, operando tanto quando o reparo é iniciado pelo falante da fonte de problema quanto quando é iniciado pelo outro. Loder (2008, p. 104) apresentou uma clara explanação dessa ordenação de oportunidades nas seguintes palavras:

a primeira oportunidade de iniciação do reparo é do falante da fonte de problema antes do final da UCT. Se essa oportunidade *não* for tomada, esse mesmo participante poderá iniciar reparo no LRT. Se não houver iniciação de reparo aí, a próxima oportunidade será do outro interlocutor, de iniciar reparo no turno seguinte ao da fonte de problema. Se, até esse ponto, não tiver havido iniciação de reparo, o falante da fonte de problema ainda pode, depois de seu interlocutor, tomar a palavra novamente e iniciar o reparo sobre o seu turno inicial (grifo no original).

³ De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), o lugar relevante para a transição (LRT) (de turnos) consiste em um lugar, no turno de um falante, em que podemos considerar que esteja ocorrendo uma possível finalização do turno, ou seja, que uma finalização virá logo em seguida.

Uma vez que o reparo tenha sido iniciado, ou seja, que a fonte de problema tenha sido localizada, espera-se que tal reparo seja levado a cabo (finalizado).

A FINALIZAÇÃO DO REPARO (OU O RESULTADO DO REPARO)

Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 369) observaram que: a maioria dos auto-reparos são iniciados no turno da fonte de problema; e, desses, a grande maioria é realizada (finalizada) no mesmo turno; a maioria dos reparos iniciados pelo outro interlocutor, no turno seguinte ao da fonte de problema, são realizados (finalizados) ao longo de múltiplos turnos. A finalização do reparo pode ser ou não realizada pelo mesmo componente (eg. item) que iniciou o reparo, como, por exemplo, quando o interlocutor, no turno seguinte ao da fonte de problema, ao proferir um item (palavra), não só aponta para o problema no turno anterior (eg. uma escolha inadequada de uma palavra) como também fornece solução para esse problema, uma vez que acredita estar fornecendo a palavra adequada para substituir a escolha do falante anterior. Além dessa nuance da etapa de finalização, Sacks, Schegloff e Jefferson (1977) mostraram que assim como existem posições alternativas para se iniciar um reparo, também existem diferentes posições para realizar a finalização: (1) no mesmo turno da fonte de problema (pelo falante da fonte de problema); (2) no turno imediatamente seguinte ao da fonte de problema (pelo outro interlocutor); e (3) no terceiro turno (pelo falante da fonte de problema). Podemos observar que tanto na iniciação quanto na finalização as posições designadas ao falante da fonte de problema precedem aquelas designadas ao outro interlocutor.

Loder (2008, p. 111) também apresenta uma explanação suficientemente clara acerca da ordenação das posições para oportunidade de finalização do reparo: "a primeira oportunidade é do falante da fonte de problema; a próxima oportunidade é do interlocutor, quando ocorre a troca de turnos. E após nova troca de turnos, o falante inicial tem nova chance para resolver o problema identificado em seu próprio turno".

A PREFERÊNCIA OPERANDO E OUTRAS QUESTÕES RELEVANTES

Enquanto o falante da fonte de problema pode interromper seu próprio turno para iniciar um reparo, o outro interlocutor deve esperar a finalização do turno da fonte de problema para empregar suas técnicas de reparo. Quando o falante da fonte de problema não aponta tal problema imediatamente, após o LRT, pode surgir um pequeno *gap*, onde o interlocutor se mantém, em silêncio, que consiste em uma oportunidade extra para o falante da fonte de problema iniciar o auto-reparo. De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 375), "a organização da posição do reparo é compatível com uma preferência organizacional pela auto-iniciação sobre a iniciação do reparo pelo outro".

Além da preferência pela auto-iniciação do reparo, atua, também, a preferência por auto-correção⁴. Essa preferência se torna evidente através de técnicas utilizadas pelo outro interlocutor para localizar a fonte de problema, visto que os turnos de iniciação do reparo pelo outro são utilizados exclusivamente para localizar a fonte de problema e, por conseguinte, fornecer ao falante da fonte de problema uma oportunidade para levar o reparo a cabo no turno seguinte. Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 377) alegam que essa forma é utilizada até quando o "outro" conhece claramente o reparo (correção) a ser feito, e poderia usar o turno para fazê-lo. Dessa forma, o reparo que foi iniciado pelo outro ocupa mais do que um único turno, no mínimo dois, sendo que no primeiro deles, o "outro" localiza o problema, e no segundo, o falante da fonte de problema realiza uma tentativa de reparo (auto-correção).

Embora exista uma distinção entre a auto-correção e a correção pelo outro, esses dois tipos de correção não são alternativos, pois, conforme argumentam Sacks, Schegloff e Jefferson (1977, p. 377), "a organização do reparo na conversa prepara, centralmente, para a auto-correção, que pode ser alcançada através de rotas alternativas de auto-iniciação e de iniciação pelo outro – rotas que são elas próprias organizadas de modo a favorecer o auto-reparo auto-iniciado". Além de destacar o *status* preferido da auto-correção revelado na própria organização do reparo, os autores chamam a atenção para o fato de que quando as correções são realizadas pelo "outro", elas, freqüentemente, são realizadas de uma forma modulada, como por exemplo: (a) podem ser apresentadas associadas com marcadores de incerteza ou formatadas como perguntas, sendo a construção *Você quer dizer X? (You mean X?)*, onde X é uma possível correção ou uma palavra a ser substituída, uma forma comum de modulação; (b) podem ser realizadas na forma de brincadeiras, ao invés de correções seriamente propostas.

Por outro lado, correções não-moduladas realizadas pelo outro geralmente ocorrem em um turno após uma verificação de entendimento, ou após uma correção realizada pelo outro de forma modulada, consistindo em uma recusa de uma ou de outra, e exibindo uma orientação para seu *status* despreferido. Neste caso, a correção está voltada para o falante que produziu a correção modulada ou a verificação de entendimento, e não para o falante da fonte de problema. Sacks, Schegloff e Jefferson (1977) argumentam que, em geral, correções realizadas pelo outro são tratadas pelo seu recipiente como envolvendo algo a mais que uma correção, uma discordância. Sumarizando, esse tipo de correção: (i) geralmente é realizada de forma não-modulada, mas pode ser realizada de forma modulada; (ii) ocorre exatamente após correções realizadas pelo outro ou verificações de entendimento; e (iii) costuma ser tratada como discordância.

⁴ Neste caso, o termo correção é utilizado para denotar uma parte (etapa) do reparo, parte esta que será realizada apenas após a etapa de iniciação, consistindo, portanto, em uma etapa finalização do reparo.

OLHANDO PARA AS TRAJETÓRIAS DE REPARO: ANALISANDO UM RELATO DE PROCEDIMENTO DE UMA PESSOA COM AFAZIA

A afasia consiste em um distúrbio da linguagem em que há comprometimento da capacidade de produção e/ou compreensão verbal relacionado a prejuízos dos mecanismos linguísticos envolvidos no funcionamento da linguagem e nos processos cognitivos de alguma maneira a ela associados, decorrente de lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central em virtude de Acidentes Vasculares Encefálicos (AVEs), Traumatismos Crânio-encefálicos (TCEs), tumores ou outras afecções (Coudry, 1988). As participantes deste estudo que apresentam afasia tem seus discursos marcados pelas seguintes manifestações lingüísticas: anomia (dificuldade de nomeação), podendo ser decorrente de uma dificuldade em acessar o léxico ou recuperar informações a ele referente; parafrasia verbal (substituição de palavras); parafrasia literal (substituição de parte de palavras); fala telegráfica (fala com predominância de substantivos e verbos de ação e escassez de adjetivos, advérbios e preposições).

A fim de entender a atuação do sistema de reparo conversacional em interações onde participam pessoas com afasia, volto o foco para as trajetórias de reparo em um "relato de procedimento" que ocorre em uma conversa face a face, observando, conjuntamente, a ocorrência sequencial da iniciação e da finalização. Durante o "relato de procedimento" e, por contingências da própria interação, Livia (autora deste artigo) assumiu os papéis ora de mediadora da interação, ora de interlocutora da conversa, ora de professora, ora de fonoaudióloga. Portanto, trata-se de um contexto híbrido, onde contextos institucionais e não-institucionais se revezam na composição do cenário da interação.

A conversa que será apresentada e analisada faz parte do *corpus* gerado para uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Federal de Juiz de Fora no período de 2006 a 2008, composto de gravações em vídeo de conversas face a face (em grupo), envolvendo pessoas com afasia, transcritas conforme as convenções desenvolvidas por Gail Jefferson (2002). As participantes, exceto Livia, foram identificadas por pseudônimos, sendo o grupo composto por Livia e três mulheres com comprometimento da capacidade de expressão verbal devido à afasia (Carla, 55 anos; Tereza, 45 anos; e Laura, 37 anos), que foram acometidas por AVC há aproximadamente 10 anos, 7 anos e 1 ano, respectivamente, tomando como referência o ano em que aconteceram os encontros (2007). Alguns segmentos da conversa sob análise foram selecionados para serem analisados neste estudo à luz da perspectiva qualitativa e interacional que o sustenta, e serão apresentados a seguir. Destaco que os segmentos não serão apresentados em uma sequência de ocorrência, pois de modo a tornar clara a organização do reparo, subdivido a análise em trajetórias de reparo, nas quais desmonto o relato⁵ de Carla trazendo segmentos que ilustram tais trajetórias.

⁵ A transcrição do "relato de procedimento" completo se encontra em anexo.

REPARO INICIADO E LEVADO A CABO PELO FALANTE DA FONTE DE PROBLEMA

O segmento que segue abaixo foi extraído de um trecho da conversa face a face mencionada acima. Em um determinado momento dessa conversa, Lívia propõe uma atividade: um "relato de procedimento". Após a proposta de Lívia, Carla se auto-seleciona como falante seguinte, auto-candidatando-se para fazer o relato. Lívia, então, solicita à Carla que relate como ela faz um bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro e, no decorrer do relato, após Carla listar os ingredientes, Lívia intervém e pergunta onde ela coloca todos os ingredientes. Neste momento surgem duas sequências de reparo iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte de problema, como podemos ver:

	25	Lívia:	e onde você coloca?
I+F	26	Carla:	é:: numa bacia↓- <u>não</u> é:: bater (.) primeiro↓ com (.)
	27		batedeira↑ (.) aí é:: passa óleo e farinha.
	28	Lívia:	onde?
I	29	Carla:	é::((olha para Tereza e franze a testa)) bate-
	30		((coça a cabeça e olha para Tereza))como que cha:ma?= ((mantém contato ocular com Tereza))
	31		
	32	Tereza:	((esboça um sorriso))
F	33	Carla:	= a:::i <u>fôrma</u> . <u>fôrma</u> . ((sorri)) (.) é:: bato (.) é::
	34		passo (.) é:: é:: (.) ((movimenta a mão esquerda como
	35		se estivesse misturando algo)) eu:: é:: é:: fico (.)
	36		demorando é:: - demora pra ((faz um gesto com a mão
	37		esquerda como se estivesse despejando algo de um
	38		recipiente para outro)) é:: colocar da vasilha no
	39		bolo↓=

Na linha 26, podemos observar que Carla interrompe abruptamente sua própria fala, o que sinaliza uma possibilidade de iniciação de reparo, interrompendo sua UCT (unidade de construção de turno) para solucionar um problema gerado em seu próprio turno. A possibilidade sinalizada se concretiza no mesmo turno através do auto-reparo realizado ("não é:: bater (.) primeiro↓ com (.) batedeira↑ (.) aí é:: passa óleo e farinha (.)"). O primeiro item do movimento de finalização consiste em uma negação, que é seguida por uma substituição na ordem do procedimento. Carla parece ter invertido as etapas do procedimento quando preferiu "bacia↓" ao invés de preferir batedeira, já que, como ela mesmo mostrou através de sua auto-correção, primeiro ela coloca os ingredientes na batedeira. A substituição realizada por Carla nos permite considerar, por um lado, que ela se equivocou na apresentação das etapas ao falar que coloca os ingredientes na bacia, mas se auto-corrigiu imediatamente, e por outro, que o problema foi localizado e resolvido no mesmo turno, ou melhor, o reparo foi iniciado e levado a cabo no mesmo turno da fonte de problema pelo próprio falante da fonte de problema.

Neste mesmo segmento de conversa, temos outra ocorrência desse tipo de reparo. Na linha 29, Carla, novamente, interrompe abruptamente sua UCT para apontar um problema a ser reparado em seu turno ("bate -"), sinalizando que ela não estava querendo se referir à bateadeira (podemos inferir que esta seria a palavra que Carla iria proferir a partir do contexto gerado pela organização sequencial da conversa). Carla, então, inicia um reparo sobre seu turno, interrompendo sua produção para procurar uma palavra (*word search*), como podemos verificar no enunciado que ela (Carla) proferiu logo após a interrupção ("como que chama?"), direcionado à Tereza. Ao buscar uma substituição para a palavra proferida, Carla encontra certa dificuldade, sinalizada pelo movimento de coçar a cabeça (gesto que em nossa cultura sinaliza inquietação diante de algo a ser resolvido/realizado) e pela solicitação da ajuda de Tereza, na linha 30, para encontrar a palavra adequada. Essa dificuldade sinalizada pelo gesto e pela solicitação de ajuda pode estar associada à anomia apresentada por Carla, sinalizando, portanto, tal manifestação linguística. Logo após solicitar a ajuda de Tereza, Carla, na linha 33, encontra a palavra que queria expressar ("a:::i fôrma. fôrma.") e a ênfase que ela atribui a essa palavra, associada com o sorriso por ela esboçado, sinaliza contentamento, o que pode sugerir uma preferência por auto-reparo. Ao encontrar a palavra pretendida, Carla dá prosseguimento à ação que havia sido suspensa por ela própria ao iniciar o reparo (o relato de procedimento), retomando a construção de seu turno.

REPARO INICIADO PELO FALANTE DA FONTE DE PROBLEMA E LEVADO A CABO PELO OUTRO

Embora Livia tenha solicitado que Carla relatasse como ela faz um bolo de chocolate com cobertura de brigadeiro, até um determinado ponto do relato ela (Carla) não havia feito menção à cobertura do bolo. Então, Livia, na linha 71 pergunta sobre tal cobertura, o que acaba desencadeando uma sequência de reparo em que uma outra participante se auto-seleciona como falante corrente, co-construindo o relato com Carla.

	71	Livia:	e aí? a cobertura vem que hora?
	72	Carla:	é:: depois do pronto é:: - no forno, meia hora é: sai
	73		é::: (.) ((coça a cabeça)) num sei fazer é:; bolo
I	74		de::=
F	75	Tereza:	= cobertura↓
	76	Carla:	é. num sei. é::: chocolate, é:: >leite moça< é isso↑
	77	Livia:	é. <u>isso aí.</u> <u>isso aí.</u> todo mundo entendeu as etapas?

Nas duas ocorrências de reparo analisadas no subitem anterior pudemos observar a ocorrência do mesmo tipo de perturbação não-lexical (interrupção abrupta da fala), que indica a possibilidade de iniciação de reparo pelo falante da fonte de problema. No segmento apresentado acima temos um outro tipo de perturbação não-lexical, o prolongamento de som, utilizado por Carla, na linha 74, sinalizando iniciação de reparo. Podemos, então, considerar que Carla inicia o reparo com o prolongamento da vogal "e". Novamente, percebemos a anomia de Carla manifestada através da busca pela

palavra que ela pretende expressar. Porém, neste segmento, Tereza ajuda Carla ao tomar o turno e fornecer um candidato para tal busca ("cobertura↓"), levando a cabo o reparo que havia sido iniciado por Carla no turno anterior. No turno seguinte, Carla, detentora do piso conversacional, toma a palavra e volta a responder a pergunta de Lívia, ou seja, volta a construir seu turno de resposta. Neste turno, Carla realiza uma repetição parcial de seu turno anterior (do final do turno) no início da linha 76 ("é. num sei.") que sinaliza a retomada da ação em curso, que havia sido suspensa por ocasião do reparo realizado por Tereza.

Torna-se relevante destacar que Carla, nas linha 73-74, enunciou "bolo de::" quando o esperado era que ela enunciasse "bolo com", visto que a organização sequencial da conversa gerou um contexto a partir do qual podemos inferir que ela está se referindo a "bolo com cobertura". Uma análise ética trataria disso como um erro gramatical, mas para os interagentes, isso passou despercebido. Então, uma vez que adotamos uma perspectiva êmica de análise, que prioriza aquilo que é tornado relevante para os participantes, não nos cabe tratar dessa ocorrência. Podemos perceber que isso não foi relevante para os participantes porque eles não suspenderam a ação em curso para tratar disso que é considerado, eticamente, um "erro". Como Loder (2008, p. 100) bem nos chama a atenção, "uma elocução" (ou parte dela) *torna-se* uma fonte de problema, ela não é um problema em si, mas se configura como tal sequencialmente (grifo do original).

REPARO INICIADO PELO OUTRO E LEVADO A CABO PELO FALANTE DA FONTE DE PROBLEMA

Devido à grande dificuldade de Carla em relação à construção de enunciados, além da dificuldade de relatar as etapas de um procedimento (observada neste relato), Lívia, no papel de mediadora, intervém a todo momento no relato de Carla, ajudando-a a construir tal relato por meio de perguntas investigativas (como, por exemplo, as perguntas utilizadas no contexto de ensino/aprendizado pelo professor, quando ele sabe a resposta mas deseja investigar o conhecimento do aluno) que, em algumas situações, consistem em iniciações de reparo, como podemos observar no segmento abaixo onde temos uma pergunta investigativa que não considero ser um reparo (linha 25), e uma outra (linha 28) que pode ser considerada como tal, como veremos a seguir.

- 25 Lívia: e onde você coloca?
 26 Carla: é:: numa bacia↓ não!é:: bater (.) primeiro↓ com (.)
 27 batedeira↑ (.) aí é:: passa óleo e farinha (.)
 I 28 Lívia: onde?
 29 Carla: é::((olha para Tereza como se pedisse ajuda)) batê-
 30 ((coça a cabeça e olha para Tereza))como que cha:ma?=
 31 ((mantém contato ocular com Tereza))
 32 Tereza: ((esboça um sorriso))
 F 33 Carla: = a:::i fôrma. fôrma. ((sorri)) (.) é:: bato (.) é::

34 passo (.) é:: é:: (.) ((movimenta a mão esquerda como
 35 se estivesse misturando algo)) eu:: é:: é:: fico (.)
 36 demorando é:: - demora pra ((faz um gesto com a mão
 37 esquerda como se estivesse despejando algo de um
 38 recipiente para outro)) é:: colocar da vasilha no
 39 bolo↓=

Ao construir seu turno (linhas 26 e 27), Carla, prosseguindo com o relato de como fazer um bolo, deixou de fazer menção ao lugar onde passaria óleo e farinha. No turno da linha 28, Lívia aproveita a micro pausa de Carla na linha 27, toma a palavra e inicia um reparo da fala de Carla no turno anterior, apontando para o problema de produção através do uso do indicador de reparo "onde", que mostra onde está a fonte de problema (neste caso, o lugar onde Carla disse que passa óleo e farinha). Isso nos permite considerar que Lívia interpretou a micro pausa de Carla no final da linha 27 como uma finalização da UCT e, por conseguinte, como um LRT⁶. Portanto, podemos verificar que temos aqui uma iniciação de reparo pelo outro indicando que o problema é com a referência ao lugar que não foi mencionado quando deveria ser. Por um lado, por se tratar de um tópico específico (como preparar um bolo), Lívia poderia inferir qual seria o lugar onde Carla disse que passa óleo e farinha, mas, por outro lado, Lívia estava no papel de mediadora daquela interação e sua atitude pode sinalizar que ela quis auxiliar na manutenção da intersubjetividade entre todo o grupo ao solicitar, em forma de reparo, que Carla fizesse referência explícita ao lugar. Diante disso, Carla, no turno seguinte ao de Lívia, realiza um reparo de sua fala e da continuidade à atividade de relatar os procedimentos.

Consideramos importante destacar que, na linha 33, ao proferir a palavra encontrada, Carla está, ao mesmo tempo, levando a cabo o reparo iniciado por Lívia na linha 28, e o reparo iniciado por ela própria na linha 30, já analisado no subitem anterior. Temos, portanto, um reparo encaixado em outro reparo, onde um mesmo componente de finalização leva a cabo dois reparos diferentes, iniciados por diferentes falantes (um deles é o falante da fonte de problema). Tal encaixe pode ser melhor entendido se levarmos em consideração que antes mesmo de o reparo que foi primeiramente iniciado ser levado a cabo outro reparo foi iniciado, sendo que este

⁶ Uma vez que Lívia é fonoaudióloga, ela conhece a dificuldade de pessoas que apresentam fala telegráfica (dificuldade na construção de enunciados, do ponto de vista sintático, marcado pelo empobrecimento das estruturas sintáticas através da escassez, sobretudo, de adjetivos, advérbios e preposições), como Carla, para produzir enunciados extensos. Assim sendo, embora a produção de Carla na linha 27 não tivesse completude sintática, Lívia sabia que a construção de Carla terminaria na micropausa, uma vez que o prosseguimento de tal construção implicaria na extensão do enunciado através do acréscimo de um sintagma adverbial para introduzir o item que se refere ao lugar onde Carla iria passar óleo e farinha. Construções deste tipo (SUJEITO+VERBO+OBJETO+ADVÉRBIO) são complexas/extensas demais para serem realizadas por pessoas que apresentam o tipo de comprometimento linguístico que Carla apresenta. Baseando nessas considerações, podemos interpretar a iniciação de reparo realizada por Lívia tanto como uma ajuda à Carla em relação à produção de seu enunciado, quanto como uma colaboração com os demais participantes no sentido de facilitar a compreensão dos mesmos do enunciado de Carla.

último reparo foi iniciado no curso da etapa de finalização do reparo anterior. Trata-se de uma ocorrência ainda não encontrada retratada em dados do português brasileiro, tampouco em dados de fala de pessoas com afasia.

Além da ocorrência que acabei de apresentar, temos, abaixo, uma outra ocorrência de reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo próprio falante da fonte de problema.

- 56 Lívia: depois mistura todos os outros ingredientes↓, quais
 57 são?
 58 Carla: é:: ovo é:: açúcar é:: margarina é:: farinha de trigo
 59 é:: chocolate↑ né↓ e:: - num gosto bolo de chocolate,
 60 num gosto. aí:: (.)
 I 61 Lívia: não faltou um não↑
 62 Carla: ((franze a testa e se mantém em silêncio))
 63 Lívia: senão vai ficar uma farofa↓ só tem pó↑
 F 64 Carla: a:::: é:: leite é:: >pó royal<. ((risos))
 65 Lívia: a:: tá↓isso tudo vai na bateadeira?
 66 Carla: tudo. tudo.

Após Carla terminar o relato de como fazer um bolo, Lívia inicia uma atividade de recapitulação das etapas desse procedimento com auxílio de Carla que, nas linhas 58 e 59, faz a listagem dos ingredientes a pedido de Lívia. No turno seguinte, Lívia toma o turno e aponta uma fonte de problema no turno de Carla ao proferir uma pergunta investigativa ("não faltou um não↑"), que demonstra que Lívia percebeu que Carla havia esquecido um ingrediente. Segue-se, após essa iniciação de reparo realizada pelo outro, um silêncio, configurando-se como uma oportunidade para Carla tomar a palavra e levar a cabo o reparo sobre seu próprio turno. Todavia, Carla não toma essa oportunidade. Lívia, então, na linha 63, oferece mais uma chance a Carla de realizar o auto-reparo, fornecendo uma dica que a possibilita lembrar do ingrediente que está faltando. A ação de Lívia na linha 63 sinaliza uma preferência por auto-reparo. Carla, na linha 64, profere "a:::: é:: leite é:: >pó royal<.", demonstrando ter lembrado tanto o ingrediente ao qual Lívia estava se referindo, quanto um outro ingrediente que também estava faltando na listagem, e levando a cabo o reparo iniciado por Lívia no turno anterior.

Podemos observar que Lívia interrompeu Carla apenas após ela (Carla) ter finalizado a listagem dos ingredientes com uma entonação descendente (sinalizada pelo ponto final) e introduzido o marcador discursivo "aí" em seu turno, o que nos permite entender que Lívia se orientou pela entonação para dar como encerrada a listagem. Porém, como vimos, essa listagem não estava de fato encerrada, pois faltava um ingrediente fundamental sinalizado por Lívia ao proferir ("senão vai ficar uma farofa↓ só tem pó↑") e apresentado pela própria Carla ao finalizar o reparo. Lívia, por sua vez, na linha 65, prossegue com a recapitulação após demonstrar ter entendido o reparo ("a:: tá↓"). O enunciado de Lívia neste turno é sequencialmente relevante por demonstrar um novo entendimento do turno de Carla após esta ter realizado um reparo

em terceira posição⁷. Ao realizar o reparo em terceira posição, Carla (o falante "mal-entendido"), encarrega-se de retificar o problema, fazendo tal retificação no turno seguinte àquele que apresentou o entendimento problemático.

REPARO INICIADO E LEVADO A CABO PELO OUTRO

Anteriormente, em um dos subitens desta seção, apresentamos uma ocorrência de reparo levado a cabo pelo outro, porém, não consistia de um reparo iniciado, também, pelo outro, não se tratando, portanto, do RILCO (reparo iniciado e levado a cabo pelo outro). Este é um fenômeno de rara ocorrência (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1977), mas que neste trabalho foi revelado cinco vezes, como verificaremos a seguir.

- 17 Lívía: mas, o que você mistura primeiro?
 18 Carla: é:: clara e ghghgh ((faz um gesto com a mão esquerda
 19 como se estivesse misturando a clara)) é:: neve
 I+F 20 Lívía: clara em neve?
 21 Carla: é. aí eu vou é:: - o restante do bolo é:: sucar, é::
 22 tudo junto.

Na linha 20, Lívía interrompe o relato (ação que estava sendo executada) de Carla para, ao mesmo tempo, iniciar e levar a cabo um reparo do que ela (Carla) realizou no turno anterior ao da linha 20 (proferiu "clara e ghghgh" no início do turno, e "é:: neve" no final do turno, e realizou, no meio do turno, um gesto com a mão esquerda como se estivesse misturando a clara). Neste caso, o componente de reparo consiste em uma proposta de verificação de entendimento, sinalizada com a apresentação do entendimento que Lívía teve do turno de Carla com uma entonação ascendente. Dessa forma, ao invés de verificar seu entendimento utilizando a forma *Você quer dizer X?*, Lívía o verifica através da repetição do turno de Carla na forma de pergunta. Afinal, perguntas constituem uma forma de apontar para um problema no turno anterior, e foi isso que Lívía fez em seu turno da linha 20.

Na linha 21, Carla toma o turno e passa recibo do reparo de Lívía sobre seu turno anterior ao proferir "é" com uma entonação descendente (sinalizada pelo ponto final), sendo este recibo, portanto, uma concordância que poderia ser glosada como "é isso mesmo que estou querendo dizer". Podemos, então, considerar que essa foi a forma que Carla utilizou para lidar com a exposição do seu lapso de produção. Somente após o problema de entendimento ter sido resolvido que Carla retoma a construção do relato, o

⁷ Compõe-se de uma sequência de ações em três posições sequenciais: P1(onde um interlocutor produz o turno que será reparado), P2 (onde o outro interlocutor demonstra seu entendimento do turno P1, ou aponta um problema em P1) e P3 (onde o falante de P1: ao perceber que o entendimento do interlocutor de seu turno é problemático, refaz seu turno inicial a fim de resolver o problema de entendimento; ou ao perceber o problema apontado pelo outro, fornece uma solução para esse problema). Não irei me aprofundar neste fenômeno porque o mesmo é demasiadamente abrangente para ser tratado aqui. Para entender melhor esse assunto, no contexto de conversas envolvendo pessoas com afasia, ver Gonzalez (2004a).

que fica claro pela introdução do marcador discursivo "aí" na linha 21. Neste momento, Carla retoma a construção de sua ação, prosseguindo com seu relato de procedimento.

Abaixo, apresento mais uma ocorrência de RILCO.

25 Lívia: e onde você coloca?
 26 Carla: é:: numa bacia↓ não!é:: bater (.) primeiro↓ com (.)
 27 batedeira↑ (.) aí é:: passa óleo e farinha.
 28 Lívia: onde?
 29 Carla: é::((olha para Tereza como se pedisse ajuda)) batê-
 30 ((coça a cabeça e olha para Tereza))como que cha:ma?=
 31 ((mantém contato ocular com Tereza))
 32 Tereza: ((esboça um sorriso))
 33 Carla: = a:::i fôrma. fôrma. ((sorri)) (.) é:: bato (.) é::
 34 passo (.) é:: é:: (.) ((movimenta a mão esquerda como
 35 se estivesse misturando algo)) eu:: é:: é:: fico (.)
 36 demorando é:: - demora pra ((faz um gesto com a mão
 37 esquerda como se estivesse despejando algo de um
 38 recipiente para outro)) é:: colocar da vasilha no
 39 bolo↓=
 I+F 40 Lívia: =na fôrma↓
 41 Carla: é:::.. é:: demora↓ é:: é: restinho assim ((aproxima o
 42 polegar do indicador deixando um pequeno espaço entre
 43 eles)) °fica°.

Após o auto-reparo realizado por Carla na linha 33, e já analisado aqui, ela (Carla) retoma a ação até então em curso, prosseguindo, portanto, com o relato. Todavia, ao prosseguir, Carla incorre em uma parafrasia verbal (substituição de palavras), que neste caso consiste em uma manifestação linguística da afasia apresentada por Carla, na linha 39 do mesmo turno do auto reparo ("vasilha no bolo"), que é imediatamente identificado por Lívia no turno seguinte (linha 40). O contorno entoacional do final do turno da linha 39 sinaliza um LRT e, assim sendo, Lívia toma o turno e realiza um reparo da fala de Carla no turno anterior ("na fôrma"). Podemos considerar que Lívia, na linha 40, não só inicia, mas, também, leva a cabo o reparo, uma vez que ao proferir "na fôrma", ela aponta onde está o problema e, ao mesmo tempo, fornece uma substituição à fonte de problema (bolo). A entonação descendente do final do turno de Lívia associa ao reparo certo grau de certeza. Por se tratar de uma substituição de um item por outro, podemos dizer que o reparo envolveu uma correção.

Neste caso, fica claro que o que está acontecendo é um reparo e não apenas uma correção, pois Lívia interrompeu a sequência interacional em curso (relato) e abriu uma nova sequência onde a nova "atividade interacional" se constitui em um reparo. Nessa ocorrência, a substituição de um item por outro não foi incorporada à ação em andamento (portanto não se trata de uma correção encaixada), visto que houve suspensão da ação (linha 40), para a realização do trabalho interacional, e posterior retomada dessa ação (linha 41), após ratificação do reparo. A retomada do relato pode ser verificada quando Carla, na linha 41 profere "é:: demora", já que esta palavra foi

pronunciada no final do turno anterior, antes do problema, e está sendo repetida neste turno. Quanto à ratificação do reparo que Lívia fez da sua fala, Carla a profere com ênfase (os dados de vídeo permitiram observar essa ênfase através da expressão facial de Carla que consistia em sorriso e movimentação da cabeça para cima e para baixo, indicando afirmação; e a transcrição da conversa revela essa ênfase através do sublinhado que, como podemos ver no quadro das convenções em anexo, indica acento e ênfase de volume), o que sinaliza satisfação por Lívia tê-la corrigido. Tal satisfação vai de encontro à preferência por auto-reparo.

Se RILCO é um fenômeno de rara ocorrência, dois RILCOs sucessivos, como revelado no segmento abaixo, deve ser algo que praticamente inexistente nas conversas. Mas, as ocorrências de RILCO neste trabalho não cessam por aqui, como podemos acompanhar abaixo.

	41	Carla:	<u>é:::.</u> é:: demora é:: é: restinho assim ((aproxima o
	42		polegar do indicador deixando um pequeno espaço entre
	43		eles)) °fica°.
I+F	44	Lívia:	fica?
	45	Carla:	é. é:: não consigo é:: a mão é:: é: - duas mãos, eu
	46		conseguia (.) aí (.) a mão esquerda ((mostra a mão
	47		esquerda, abrindo e fechando, mostrando que consegue
	48		movimentar essa mão))=
I+F	49	Lívia:	= fica um pouco difícil?
	50	Carla:	é. é.

Na linha 41, Carla, ao falar que demora para despejar a massa de bolo da vasilha para a fôrma, enuncia o último item de sua UCT ("fica") em fraca intensidade sonora. Diante disso, Lívia, na linha 44, abre uma sequência de reparo, iniciando e levando a cabo um reparo que consiste em uma repetição do item lexical que Carla enunciou em uma intensidade fraca. Podemos observar que Lívia realiza uma repetição parcial do enunciado de Carla, cujo propósito era averiguar se escutou aquilo que Carla de fato enunciou, visto que Carla proferiu "fica" em fraca intensidade, o que nos permite considerar que na linha 43 temos a fonte de um problema de escuta.

Após Carla, na linha 45, passar recibo do reparo de Lívia através de uma concordância ("é"), ela (Carla) apresenta uma explicação para o fato de não conseguir despejar todo o conteúdo da vasilha para a fôrma, porém, parece não obter sucesso nessa explicação, visto que Lívia abriu nova sequência de reparo após o proferimento da explicação por parte de Carla. Isso sinaliza, ao mesmo tempo, um problema de produção no turno de Carla, e um problema de entendimento da parte de Lívia. Assim sendo, podemos considerar o enunciado de Lívia na linha 49 ("fica um pouco difícil?") como sendo uma reformulação do enunciado de Carla no turno anterior. Por outro lado, a entonação ascendente que acompanha o enunciado de Lívia confere ao mesmo um caráter de verificação de entendimento. Portanto, diante da fala ininteligível de Carla (linhas 45 e 46), que recorre aos gestos para substituir expressões verbais, Lívia faz uma reformulação do enunciado de Carla, e por meio da entonação ascendente, verifica se

sua reformulação é condizente com aquilo que Carla tentou enunciar. Lívia, então, não utiliza explicitamente a forma *Você quer dizer X?* para realizar o reparo. É importante mencionar que assim como após os outros RILCOs analisados neste trabalho, após o RILCO da linha 49, Carla também fornece recibo do reparo que Lívia iniciou de seu turno. Neste caso o recibo de Carla ("é") indica uma concordância que poderia ser glosada da seguinte forma: "é isso mesmo que estou querendo dizer" ou "eu concordo com a reformulação que você fez do meu enunciado". A entonação descendente após o "é" é que sinaliza tal concordância, pois tal item acompanhado da marcação de prolongamento, por exemplo, sinalizaria que Carla ainda iria continuar a falar, indicando, portanto, posse da palavra (cf. LANINI, OLIVEIRA & VIEIRA, 2009).

O último segmento analisado neste trabalho, e apresentado abaixo, revela-nos mais uma ocorrência de RILCO em um fragmento de conversa de menos de cinco minutos.

82 Lívia: tá vendo, como você pode ensinar alguém a fazer um
 83 bolo↑
 84 Carla: ((riso))
 85 Lívia: a gente pensa que pode fazer menos do que realmente
 86 pode.
 87 Carla: a:: é:: cozinho↓
 88 Lívia: então↑
 89 Carla: casco é:: batata é:: meia hora↓ descascar uma batata,
 I+F 90 Lívia: você demora [meia hora?
 91 Carla: [é.
 92 Lívia: mas cozinha, não cozinha?
 93 Carla: é.

Como eu havia comentado anteriormente, após Carla terminar o relato de como fazer um bolo, Lívia fez uma recapitulação das etapas de tal procedimento, visto que Carla demonstrou certa dificuldade em apresentar as etapas, e essa dificuldade foi sinalizada pelas perguntas investigativas de Lívia que direcionam Carla para tal apresentação. Porém, a recapitulação é coconstruída por Lívia e Carla. Após essa recapitulação, Lívia faz uma avaliação positiva do desempenho de Carla ao realizar um relato ("tá vendo, como você pode ensinar alguém a fazer um bolo↑"), e complementa sua avaliação com um comentário ("a gente pensa que pode fazer menos do que realmente pode"). Carla, no turno seguinte, também realiza um comentário ao proferir "a:: é:: cozinho↓", o que nos permite inferir que ela também está se auto-avaliando positivamente. No entanto, em um outro turno (linha 89), ela (Carla) parece subestimar sua capacidade para cozinhar ao proferir "casco é:: batata é:: meia hora↓ descascar uma batata,", o que podemos considerar uma auto-avaliação negativa, ou uma auto-desaprovação⁸. Porém, seu enunciado na linha 89 é bastante ininteligível, gerando um problema de entendimento. Diante do problema de produção na linha 89, Lívia, na linha 90, inicia e, ao mesmo tempo, leva a cabo o reparo

⁸ Para saber mais sobre avaliações ver Pommerantz (1984).

ao fazer uma reformulação do turno de Carla com entonação ascendente, verificando seu entendimento do enunciado da mesma (Carla). Lívia está, simultaneamente, apontando para o problema no turno anterior, e oferecendo solução para esse problema. Assim sendo, o reparo é iniciado e levado a cabo por Lívia no mesmo turno.

O recibo que Carla fornece a Lívia do reparo que ela (Lívia) fez em seu turno ("é") pode ser glosado como: "eu concordo com a reformulação que você fez do meu enunciado". Podemos observar que em todos os turnos seguintes aos RILCOs aqui analisados temos a ocorrência da prática de dar recibo.

DISCUSSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

As análises aqui realizadas permitiram constatar que a organização da trajetória de reparo se apresentou conforme as descrições já consolidadas dos fenômenos de reparo entre falantes de inglês norte-americanos, realizadas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1977), e entre falantes de português do Brasil, realizadas por Garcez e Loder (2005), a partir de dados de conversas cotidianas. Todavia, surgiram algumas controvérsias durante as análises que, levando-se em consideração o contexto das ocorrências ("conversa com pessoas com afasia"), podem ser recategorizadas como peculiaridades de conversas que envolvem pessoas com afasia.

Primeiramente, os autores mencionados acima defendem que o RILCO é raro e apresenta marcas de despreferência. O relato de procedimento que apresentei, realizado em aproximadamente cinco minutos, revelou cinco ocorrências de RILCO, além de mostrar que tais ocorrências não vinham acompanhadas por marcas de despreferência, e, além disso, uma das construções do falante reparado no turno seguinte ao RILCO sinalizou satisfação com a realização do reparo pelo outro. Uma sinalização semelhante foi fornecida pela construção desse mesmo falante em um turno após um reparo levado a cabo pelo outro, quando ele (o falante reparado) demonstrou contentamento. Portanto, diferentemente do que os dados do estudo realizado por Garcez e Loder (2005) revelaram, o reparo pelo outro, neste estudo, não criou um constrangimento da parte do falante reparado.

De acordo com Garcez e Loder (2005), vários estudiosos argumentam que quando é o caso de perceber o problema e a sua solução, os interlocutores comumente "deixam passar" qualquer que seja o problema no turno do outro, dando prosseguimento à interação sem iniciar o reparo. Todavia, isso não acontece neste estudo, pois diante de qualquer problema nos turnos de Carla, Lívia inicia um reparo. Essa atitude de Lívia foi interpretada neste como estando associada às incumbências do papel de mediadora, de modo a impedir quebras da intersubjetividade da conversa, que poderia ocorrer se os participantes deixassem de compartilhar o entendimento da conversa.

Uma outra diferença entre as análises deste estudo e os resultados dos outros dois estudos consiste no fato de que os "reparos pelo outro" aqui analisados não ocorriam de uma forma modulada, tampouco vieram marcados com atrasos (surgiam imediatamente após o turno da fonte de problema), não sinalizando, neste estudo,

despreferência. Quanto à modalização, a forma *Você quer dizer X?*, considerada por Sacks, Schegloff e Jefferson (1977) uma das formas mais comuns de modalização, não ocorreu nenhuma vez na conversa analisada neste estudo, ou melhor, foi omitida.

Considero importante destacar uma outra ocorrência divergente que diz respeito às iniciações de reparo, mais precisamente às operações de apontar e resolver o problema. Os dados deste estudo revelaram, em reparos iniciados pelo outro, a realização dessas operações por um único componente, estando em consonância com os achados de Garcez e Loder (2005). No entanto, segundo Sacks, Schegloff e Jefferson (1977), nos reparos iniciados pelo outro essas operações eram realizadas por componentes diferentes. Por outro lado, este estudo revela em reparos iniciados pelo falante da fonte de problema a realização das operações de apontar e solucionar o problema por dois componentes, o que também vai de encontro à assunção de Sacks, Schegloff e Jefferson (1977), pois os autores defendem que na grande maioria das iniciações de reparo pelo falante da fonte de problema as operações de apontar e resolver o problema eram feitas por um mesmo componente.

Diferentemente do que Garcez e Loder (2005) observaram nos dados que analisaram, em relação à prática de dar recibo, os recibos realizados neste estudo não foram feitos por meio de repetição parcial do turno do problema ou do item corrigido, nem pela repetição/re-elaboração de todo o turno problemático com a incorporação do item corrigido. Todas as ocorrências de recibo neste estudo consistem em uma concordância com o reparador por parte do reparado, sinalizada por apenas um item lexical ("e").

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme comentei no início da seção anterior, considero que todas as divergências deste estudo dos estudos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1977) e de Garcez e Loder (2005) estão relacionadas às peculiaridades da conversa analisada neste estudo, que envolve pessoas com afasia. As mesmas ocorrências poderiam ocorrer em conversas entre falantes de línguas diferentes (por exemplo, em uma aula de língua estrangeira onde o professor realiza os mesmos reparos realizados por Lívia), ou em interações entre criança e adulto; todavia, por se tratar de conversas entre pessoas adultas e da mesma língua, não se justifica o surgimento desses tipos de reparo no curso da conversa, o que corrobora a tese aqui apresentada, que leva em consideração, sobretudo, o contexto sequencial dos reparos. No caso deste estudo, Carla apresenta um comprometimento da capacidade de expressão verbal manifestado através da sua dificuldade de construir enunciados inteligíveis. Portanto, os reparos realizados por Lívia do turno de Carla eram por ela (Carla) interpretados como uma ajuda necessária e, devido a isso, não havia sinalização de constrangimento com a realização do reparo, ocorrendo, ao contrário, satisfação e contentamento. Por outro lado, os reparos de Lívia dos turnos de Carla eram extremamente relevantes para a manutenção da intersubjetividade da conversa, visto que ela era a mediadora e que Carla, em muitos

momentos, não conseguiu se expressar de forma inteligível. Isso explicaria a quantidade de reparos revelados neste estudo.

Se o reparo consistia, neste estudo, em uma ação preferida, não havia por que o modalizar, o que fundamenta as ocorrências deste estudo de reparo iniciado pelo outro de forma não-modalizada. Além disso, dado o *status* que os reparos aqui apresentam, podemos entender melhor porque não aconteciam atrasos na iniciação de reparo pelo outro. Porém, torna-se relevante destacar que em uma das ocorrências de reparo iniciado pelo outro temos a preferência por auto-reparo sinalizada na atitude do outro (Lívia) em propiciar um auto-reparo ao fornecer uma oportunidade extra ao falante da fonte de problema (Carla) para realizar o reparo.

Enfim, não há como negligenciar as peculiaridades das conversas que envolvem pessoas com afasia, bem como não podemos descartar a relevância do papel do mediador nesse tipo de conversa. Quando este é o contexto, o reparo pelo outro pode passar a ser, assim como acontece em interações adulto-criança, um veículo para a socialização. Sacks, Schegloff e Jefferson (1977) destacaram uma exceção no estudo de correções realizadas pelo outro extremamente relevante, alegando que esse tipo de correção deixa de ser um fenômeno raro e despreferido e se torna relevante em interações adulto-criança, uma vez que nessas situações esse tipo de correção consiste em um dispositivo para lidar com os "aprendizes da linguagem", ou seja, com aqueles que ainda estão aprendendo a operar um sistema que requer, para sua rotina de operação, que eles saibam realizar auto-monitoramentos e auto-correções como uma condição de competência. Diferente das crianças, pessoas com afasia geralmente tem capacidade para operar esse sistema que requer que elas saibam realizar auto-monitoramentos e auto-correções, mas, muitas vezes, elas não conseguem perceber que suas falas não são inteligíveis para o outro. Isso não quer dizer que elas não têm consciência do comprometimento que apresentam, apenas não têm a certeza dos momentos em que não se fazem entender.

REFERÊNCIAS:

- COUDRY, M. I. H. Diário de Narciso. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1988.
- GARCEZ, P. M. e LODER, L. "Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil". D.E.L.T.A., São Paulo, vol. 1, nº 5, PP. 279-312, 2005.
- GAGO, Paulo C. 2005. A organização seqüencial da conversa. Revista Calidoscópico, v. 03, n.2, p. 61-73, 2005.
- GONZALEZ, P. C. *Reparo em terceira posição na fala-em-interação entre falantes com e sem afasia de expressão*. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade federal do rio Grande do Sul, 98f., 2004a.
- JEFFERSON, G. "On exposed and embedded corrections in conversation" In: Button, G. e Lee, J. (orgs.). *Talk and social organization*. Clevedon, Multilingual Matters, pp. 86-100, 1987.

LANINI, A. G., OLIVEIRA, M. M. & VIEIRA, A. T. A utilização da prosódia por uma pessoa com afasia como um recurso para lidar com o déficit lingüístico. Artigo publicado nos anais da II Semana de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

LODER, L. L. Noções fundamentais: a organização de reparo. In: Loder, L. L. e Jung, N. M. (orgs.). Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etonmetodológica. Campinas: Mercado das Letras, pp. 95-126, 2008.

POMERANTZ, A. Agreeing and disagreeing with assessments: Some features of preferred/dispreferred turn shapes. In: Atkinson, J. M. & Heritage, J. C. (Eds.), *Structures of social actions: Studies in conversation analysis*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, pp. 57-101, 1984.

PSATHAS, G. Discovering sequences in interaction. In: *Conversation Analysis: The study of Talk-in-Interaction*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

PSATHAS, G. Sequence and structure in interaction. In: *Conversation Analysis: The study of Talk-in-Interaction*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

SACKS, H. On the preferences for agreement and contiguity in sequences in conversation. In: BUTTON, G. & LEE, J. R. E. (eds), *Talk and Social Organization. Clevedon: Multilingual Matters*, 1973.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Lingüísticos*, v. 7, n. 12, p. 01-67, 2005. Tradução do original: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. "The preference for self-correction in the organization of repair in conversation". *Language*, Baltimore, vol. 53, nº 2, pp. 361-382, 1977.

SCHEGLOFF, E. *Sequence Organization* [mimeo]. Los Angeles: University of California, Los Angeles, Department of Sociology, 1995.

Anexo 1:

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Adaptação (Jefferson, 2002)

[colchetes]	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
? ,	subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	auto-interrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIUSCULA	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
°palavras°	trecho falado mais baixo.
palavra:	descida entoacional inflexionada.
palavra;	subida entoacional inflexionada.
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.

Anexo 2:

01 Lívia: então gente, quem vai começar o relato de
 02 procedimento?
 03 Carla: ah:: eu, ((elevando e abaixando os dois ombros duas
 04 vezes))
 05 Laura: ((risos))
 06 Lívia: eu gostaria que você relatasse pra gente, como que
 07 você faz um bolo de chocolate com cobertura de
 08 brigadeiro↓
 09 Carla: é:: (.)
 10 Lívia: desde o início. imagina você na cozinha, <o que você
 11 pega primeiro>↑=
 12 Carla: = o ovo, é:: farinha de trigo, é:: leite (.) pó royal
 13 ((faz um gesto de misturar com a mão esquerda))
 14 misturo.
 15 Lívia: tu↑do isso junto↓
 16 Carla: é:: margarina. ah é é.
 17 Lívia: mas, o que você mistura primeiro?
 18 Carla: é:: clara e ghghgh ((faz um gesto com a mão esquerda
 19 como se estivesse misturando a clara)) é:: neve
 I+F 20 Lívia: clara em neve?
 21 Carla: é. aí eu vou é:: - o restante do bolo é::: sucar, é::
 22 tudo junto.
 23 Lívia: tudo jun↑to↓
 24 Carla: é.
 25 Lívia: e onde você coloca?
 26 Carla: é:: numa bacia↓ não!é::: bater (.) primeiro↓ com (.)
 27 batedeira↑ (.) aí é::: passa óleo e farinha (.)
 I 28 Lívia: onde?
 I 29 Carla: é::((olha para Tereza como se pedisse ajuda)) bate-
 30 ((coça a cabeça e olha para Tereza))como que cha:ma?=
 31 ((mantém contato ocular com Tereza))
 32 Tereza: ((esboça um sorriso))
 F 33 Carla: = a:::i fôrma. fôrma. ((sorri)) (.) é::: bato (.) é::
 34 passo (.) é::: é::: (.) ((movimenta a mão esquerda como
 35 se estivesse misturando algo)) eu:: é::: é::: fico (.)
 36 demorando é::: - demora pra ((faz um gesto com a mão
 37 esquerda como se estivesse despejando algo de um
 38 recipiente para outro)) é::: colocar da vasilha no
 39 bolo↓=
 I+F 40 Lívia: =na fôrma↓
 41 Carla: é:::.. é::: demora↓ é::: é: restinho assim ((aproxima o
 42 polegar do indicador deixando um pequeno espaço entre
 43 eles)) °fica°.
 I+F 44 Lívia: fica?
 45 Carla: é. é::: não consigo é::: a mão é::: é: - duas mãos, eu
 46 conseguia (.) aí (.) a mão esquerda ((mostra a mão
 47 esquerda, abrindo e fechando, mostrando que consegue
 48 movimentar essa mão))=
 I+F 49 Lívia: = fica um pouco difícil?

- 50 Carla: é. é.
 51 Livia: tá ↓ então vamos ver se eu entendi? primeiro você
 52 bate a clara em neve,
 53 Carla: ã,
 54 Livia: e separa,
 55 Carla: ã,
 56 Livia: depois mistura todos os outros ingredientes↓, quais
 57 são?
 58 Carla: é:: ovo é:: açúcar é:: margarina é:: farinha de trigo
 59 é:: chocolate↑ né↓ e:: - num gosto bolo de chocolate,
 60 num gosto. aí:: (.)
 I 61 Livia: não faltou um não↑
 62 Carla: ((franze a testa e se mantém em silêncio))
 F 63 Livia: senão vai ficar uma farofa↓ só tem pó↑
 64 Carla: a:::: é:: leite é:: >pó royal<. ((risos))
 65 Livia: a:: tá↓isso tudo vai na batedeira?
 66 Carla: tudo. tudo.
 67 Livia: depois você coloca na fôrma,
 68 Carla: ã,
 69 Livia: mistura a clara em neve,
 70 Carla: ã,
 71 Livia: e aí? a cobertura vem que hora?
 72 Carla: é:: depois do pronto é:: - no forno, meia hora é: sai
 73 é::: (.)((coça a cabeça)) num sei fazer é:: bolo
 I 74 de::=
 F 75 Tereza: = cobertura↓
 76 Carla: é. num sei. é:: chocolate, é:: >leite moça< é isso↑
 77 Livia: é. isso aí. isso aí. todo mundo entendeu as etapas?
 78 Laura: [((mexe com a cabeça para baixo e para cima
 79 sinalizando afirmação))]
 80 Tereza: [((mexe com a cabeça para baixo e para cima
 81 sinalizando afirmação))]
 82 Livia: tá vendo, como você pode ensinar alguém a fazer um
 83 bolo↑
 84 Carla: ((riso))
 85 Livia: a gente pensa que pode fazer menos do que realmente
 86 pode.
 87 Carla: a:: é:: cozinho↓
 88 Livia: então↑
 89 Carla: casco é:: batata é:: meia hora↓ descascar uma batata,
 I+F 90 Livia: você demora [meia hora?
 91 Carla: [é.
 92 Livia: mas cozinha, não cozinha?
 93 Carla: é.
 94 Livia: então está excelente, né?=
 95 Carla: =((riso))